

Línguas &
Letras

ISSN: 1517-7238
Vol. 12 nº 22
1º Sem 2011
p. 85-108

**DOSSIÊ: CRENÇAS E ATITUDES
LINGUÍSTICAS EM REGIÕES
DE LÍNGUAS EM CONTATO**

**CRENÇAS E ATITUDES:
UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO
NA CIDADE DE PRANCHITA/PR**

SILVA-PORELI, Greize Alves da (UFT)
AGUILERA, Vanderci de Andrade (UEL)

RESUMO: O estudo das crenças e atitudes vem ganhando significativo destaque no terreno da Sociolinguística moderna, pois, por meio desses dados, podemos esclarecer fenômenos não explicáveis apenas pelo contexto linguístico. Dentro desse conjunto, outro fator é de suma importância para a análise de fatos voltados para a linguagem: as atitudes valorativas que cada falante assume frente à sua fala e à das demais variedades presentes na localidade. Por essas razões, elegemos como objeto de estudo as crenças e atitudes dos falantes da cidade de Pranchita/PR, com os objetivos de: (i) verificar as crenças e atitudes de seus habitantes em relação às variedades presentes na localidade; (ii) descrever e analisar essas crenças e atitudes dos falantes acerca da língua do país vizinho, a Argentina. Localidade de pouco mais de seis mil habitantes, Pranchita traz em sua composição étnica descendentes de várias nacionalidades: italianos, alemães, poloneses, espanhóis, além de fazer fronteira seca com a Argentina. O *corpus* do trabalho constitui-se de registros orais coletados pelo Projeto Interinstitucional *Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* junto a informantes estratificados por sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Ao todo, analisamos 17 entrevistas, tendo como base teórica, entre outros, os trabalhos de Labov (2008), López Morales (1993), Moreno Fernández (1998) e Blanco Canales (2004).

PALAVRAS-CHAVE: Crenças e atitudes; Línguas em contato; Pranchita/PR

ABSTRACT: The study of beliefs and attitudes has been increasingly valued in the field of Sociolinguistics, as, by means of such data, it is possible to clarify phenomena that cannot be explained only by the linguistic context. In relation to that, another factor is extremely important for the analysis of facts connected with language: the appraising attitudes that each speaker attributes to his/her speech and to the other varieties present in the area. This is the reason why the object of study in this work is the beliefs and attitudes of the speakers from the town of Pranchita/PR. Therefore, this work aims at (i) verifying its inhabitants' opinions concerning the varieties present in the area; (ii) describing and analyzing the speakers' feelings and opinions in relation to the language of the neighboring country, Argentina. With approximately six thousand inhabitants, Pranchita is ethnically constituted by descendants from several nationalities: Italians, Germans, Polish, Spanish, besides the fact it is on the border with Argentina. The *corpus* of this work consists of oral records collected within the scope of the interinstitutional Project *Linguistic Beliefs and Attitudes: a study of the relationship between Portuguese and other contact languages*, whose informants were divided according to sex, age and school level. Overall, 17 interviews were analyzed by using, as theoretical basis, the works by Labov (2008), López Morales (1993), Moreno Fernández (1998) and Blanco Canales (2004) among others.

KEY WORDS: Beliefs and attitudes; Contact languages; Pranchita/PR

1 INTRODUÇÃO

O primeiro desafio enfrentado por linguistas é a própria definição de língua e sua relação com a sociedade, problema este sobre o qual pesquisadores vêm se debruçando desde Platão, passando por Saussure, até nossos dias. Teóricos, como Benveniste, definem língua como “instrumento de comunicação”, aquilo de que o falante lança mão quando quer se comunicar.

A definição de língua como mero instrumento pode, porém, nos levar a crer, erroneamente, que há apenas relações neutras entre diferentes falantes e múltiplos idiomas. Existe, por trás de cada língua, um conjunto de sentimentos e atitudes relacionadas ao próprio falar e em relação a outros falantes e seus respectivos idiomas, o que inviabiliza reduzir um conceito amplo como *língua a simples instrumento*.

A história é testemunha de que a língua carrega e atribui atitudes valorativas em relação a seus falantes. O conhecido excerto do Imperador Carlos V ilustra a afirmação: “Falo espanhol com Deus; italiano com as mulheres; francês com os homens e alemão com o meu cavalo”¹⁷. Excertos interessantes como este de Carlos V, que exemplificam como a língua está intrinsecamente ligada ao fator social, fazem eclodir uma linguística externa ao indivíduo, posto que

As circunstâncias de aquisição dessa ou daquela forma linguística, do controle dessa ou daquela pronúncia só aparentemente são linguísticas. A competência que se encontra por trás desse domínio é uma competência social, assim como

¹⁷ Certamente, o contexto histórico do século XVI influenciou, sobremaneira, o modo de pensar do imperador perante as línguas, pois Carlos V falava espanhol com Deus porque foi obrigado pela nobreza castelhana a converter-se ao Catolicismo, passando a frequentar missas rezadas em espanhol. O imperador usava o italiano para falar com as mulheres, visto que o século XVI apresentava o movimento artístico do Renascimento e era a língua usada pelos artistas desse período. Falava francês aos homens, pois era a língua da polícia e do *status* social na época. E em alemão, Carlos V falava com seu cavalo, já que ambos entendiam-se muito bem, posto que o imperador era alemão e seu cavalo era o último elemento que o unia à pátria

são sociais os benefícios que se podem extrair dela [língua] (CALVET, 2002, p. 80).

À Sociolinguística interessa a língua atrelada ao comportamento social e, dentro desse desempenho, pode haver dois tipos de comportamento linguístico: a) conduta frente à própria fala e b) atitudes e sentimentos frente ao falar do outro. No primeiro caso, o falante valoriza a sua própria fala ou, do contrário, tentará modificá-la tomando como exemplo um modelo de prestígio. No segundo caso, o falante avaliará positiva ou negativamente a variante linguística do outro (CALVET, 2002).

Em ambos os casos, cabe à Sociolinguística estudar as razões desse comportamento linguístico e um dos campos dessa disciplina que vem ganhando significativo destaque são as Crenças e Atitudes Linguísticas⁸, posto que

[...] uma das bases sobre as quais se assenta a atitude linguística é a consciência sociolinguística: os indivíduos forjam atitudes, quaisquer que sejam, porque têm consciência de uma série de fatos linguísticos e sociolinguísticos que referem a eles ou lhes afetam (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 181)⁹.

Em âmbito nacional, os trabalhos em Sociolinguística que utilizam as teorias das crenças e atitudes têm crescido significativamente desde a década de 70 até o presente momento²⁰

⁸ Baldaquí Escandell, em sua tese, fornece dados numéricos sobre trabalhos realizados acerca de atitudes linguísticas. O autor, em consulta feita à base de dados da Modern Language Association of America (MLA Bibliography), mostrou que há 1987 registros de publicações editadas entre os anos 1981 e 1998, surgidas com a palavra "atitudes" em qualquer dos campos da base de dados. Consulta realizada na base de dados do Educational Resources Information Center do US Department of Education (ERIC) mostrou 1645 registros de publicações editadas entre os anos de 1982 e 1996 que apresentam as palavras "language attitudes".

⁹ No original: "[...] una de las bases sobre las que se asienta la actitud lingüística es lá conciencia sociolingüística: los individuos forjan actitudes, del tipo que sea, porque tienen conciencia de una serie de hechos lingüísticos e sociolingüísticos que les conciernen o les afectan" (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 181).

²⁰ Em âmbito brasileiro, Silva-Poreli apresenta em sua dissertação de mestrado resenhas de trabalhos realizados de 1976 a 2010 publicados no Brasil.

haja vista a Torre de Babel que coexiste em nosso país de dimensões continentais.

Baseado no terreno das crenças e atitudes, o presente trabalho apresenta dados coletados na cidade de Pranchita/PR referentes à situação de fronteira seca com o país *hispanohablante*, a Argentina, e às várias etnias presentes na localidade: italianos, alemães e poloneses. Os objetivos do estudo são: (i) verificar quais são as crenças e atitudes de seus habitantes em relação às variedades presentes na localidade; (ii) descrever e analisar essas crenças e atitudes acerca da língua falada na Argentina. As hipóteses iniciais deste trabalho são a existência de possíveis crenças e atitudes negativas em relação ao país vizinho e, conseqüentemente, o repúdio ao idioma espanhol. Utilizamos aqui uma das pedras fundamentais do trabalho de Amâncio (2007):

Será que o convívio entre brasileiros e argentinos (grupos historicamente rivais) em uma região de fronteira seca, na qual são obrigados a dividir praticamente o mesmo espaço, é mesmo tão pacífico quanto quer nos fazer crer o discurso oficial corrente na localidade? (AMÂNCIO, 2007, p. 14)

2 CRENÇAS E ATITUDES: GÊNESE E PRINCIPAIS FUNDAMENTOS

O estudo das Crenças e Atitudes teve início na década de 60, com os psicólogos sociais William e Wallace Lambert, que buscavam analisar o indivíduo em seu enquadramento social e, com isso, “o estudo das atitudes tornou-se uma preocupação dos psicólogos sociais, no decorrer dos anos, pois se trata de um complexo fenômeno psicológico que se reveste de um tremendo significado social” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 83).

Interessado em estudar as atitudes sociais frente à utilização do inglês e do francês utilizado em Montreal - Canadá, Lambert (1967) desenvolveu a técnica conhecida como *matched-guises* (falsos pares) cujo objetivo é averiguar por meio da

língua quais as opiniões dos ouvintes sobre os falantes das duas línguas. A técnica consiste em gravar textos recitados por pessoas bilíngues e expor a gravação para os ouvintes identificarem qual seria a aparência, profissão e *status* desses sujeitos. São oportunas as palavras do próprio Lambert sobre a técnica:

[...] envolve as reações de ouvintes (referidos como juízes) a gravações de um número de falantes perfeitamente bilíngues lendo uma passagem de dois minutos uma vez em uma de suas línguas (ex.: francês) e, depois, uma tradução equivalente da mesma passagem em sua segunda língua (ex.: inglês). Grupos de juízes são levados a ouvir essas séries de gravações e a avaliar as características da personalidade de cada falante tanto quanto possível, usando pistas de fala apenas (LAMBERT, 1967, p. 93).

Os autores concluíram que os ouvintes não se davam conta de que as duas gravações, tanto em inglês quanto em francês, eram recitadas pelo mesmo falante e, com isso, esses juízes avaliavam não a voz da gravação, mas a língua. Essa técnica desenvolvida no campo da psicologia social foi amplamente utilizada por sociolinguistas.

Ainda no terreno da Psicologia, são descritas duas linhas principais de pesquisa em crenças e atitudes: *mentalistas* e *comportamentalistas*, que são discutidas por sociolinguistas. Os mentalistas pressupõem que as atitudes são “um estado de disposição, uma variável que intervém entre um estímulo que afeta a pessoa e sua reação a ele”²¹ (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 231-232, tradução nossa). Moreno Fernández complementa o raciocínio de López Morales e salienta: “Entende-se a atitude como um estado interno do indivíduo, uma disposição mental para algumas condições ou para alguns fatos sociolinguísticos concretos; neste sentido, a atitude seria uma categoria intermediária entre um estímulo e o comportamento, ou a ação indivi-

²¹ No original: “Un estado de disposición, una variable que interviene entre un estímulo que afeta a la persona y su respuesta a él” (LOPEZ MORALES, 1993, p. 231-232).

dual”²² (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 182-183, tradução nossa).

As atitudes, para a linha mentalista, são um estado mental do indivíduo capaz de escolher as suas respostas de acordo com a situação a que está condicionado, seriam situações hipotéticas. Por tal razão, as atitudes nesse tipo de análise pressupõem problemas metodológicos, pois, por se tratar de estímulos mentais, não seriam facilmente observáveis (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 231-232).

Na perspectiva mentalista, são identificados três componentes nas atitudes:

- Cognoscitivo: diretamente ligado à consciência linguística do falante. Esse componente abarca os conhecimentos do indivíduo (estereótipos, crenças) e seus valores (ascensão social, personalidade), entre outros (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 233). Gómez Molina (1998, p. 31) acredita que o elemento cognoscitivo seja o de maior importância, pois, “nele intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes [...] suas expectativas sociais (prestígio e ascensão) e o grau de bilinguismo”.

- Afetivo: relacionado a emoções e sentimentos (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 233). Faz juízo à valoração que o falante atribui acerca das características da sua fala ou do falar dos demais. Está diretamente ligado ao orgulho ou aos valores que a sua fala representa dentro de uma comunidade: traços de identidade, etnicidade, lealdade e valor simbólico (GÓMEZ MOLINA, 1998, p.31).

- Conativo: conduta que o falante tem frente às situações às quais está condicionado. Refere-se às escolhas que o indivíduo faz em relação às diferentes situações em que se encontra. Exemplo: escola, trabalho, família, amigos, entre outros (GÓMEZ MOLINA, 1998, p. 31).

²² No original: “La actitud se entiende como un estado interno del individuo, una disposición mental hacia unas condiciones o unos hechos sociolingüísticos concretos; en este sentido, la actitud sería una categoría intermedia entre un estímulo y el comportamiento o la acción individual” (MORENO FERNANDEZ, 1998, p. 182-183).

A tripartição da linha mentalista é explicada por Baldaquí Escandell:

A existência dessa estrutura tripartida é justificada porque, para relacionar de maneira consistente um primeiro objeto, há que se ter primeiro algum tipo de informação (dimensão cognitiva). Só se o falante tiver essa informação é que poderá fazer uma avaliação (dimensão afetiva ou avaliativa) e, em seguida, esse conhecimento e avaliação produzirão determinada predisposição para agir (dimensão comportamental) (BALDAQUÍ ESCANDELL, 2000, p. 229)²³.

Já a linha *comportamentalista/behaviorista*, nas palavras de Moreno Fernández (1998, p. 182), estabelece que “a atitude é uma conduta, uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua, uma situação ou características sociolinguísticas determinadas” (tradução nossa)²⁴. Ou seja, as atitudes do falante seriam previsíveis dentro das situações sociais. Na perspectiva comportamentalista, as atitudes seriam formadas apenas pelo componente afetivo, uma vez que poderiam ser medidas e observadas abertamente.

Para López Morales (1993), embora o autor seja adepto da linha mentalista, as crenças e atitudes pressupõem apenas o componente conativo, ou seja, uma conduta, um comportamento que pode gerar atitudes diferentes, podendo ser positivas ou negativas, dependendo da situação em que o falante estiver inserido.

²³ No original: “L’existència d’aquesta estructura tripartida es justifica perquè per a reaccionar d’una manera consistent respecte d’un objecte se n’ha de tenir primer algun tipus d’informació (dimensió cognitiva). Només si es té alguna informació es podrà avaluar (dimensió afectiva o avaliativa) i, posteriorment, aquests coneixements i aquesta avaluació produiran una determinada predisposició a actuar (dimensió conductual)” (BALDAQUÍ ESCANDELL, s/a p. 229).

²⁴ No original: “La actitud es una conducta, una reacció o resposta a un estímulo, esto es, a una lengua, una situación o unas características sociolinguísticas determinadas” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 182).

3 CRENÇAS E ATITUDES: CONTRIBUIÇÕES PARA A SOCIOLINGÜÍSTICA

Dentro dos interesses a serem tratados pela Sociolinguística, há em Weinreich, Labov e Herzog (1968) cinco tópicos a serem analisados para a fundamentação de uma teoria da variação e mudança atreladas ao contexto social, a saber: 1) Fatores condicionantes – análise de quais mudanças seriam possíveis na língua; 2) Transição – como se dá a mudança; 3) Encaixamento – como a mudança está encaixada na língua e fora dela; 4) Avaliação – como os membros de uma comunidade avaliam a mudança e como essa avaliação pode influenciar nos processos de variação e mudança; 5) Implementação – como e por que a mudança ocorreu em determinado tempo e espaço.

O 4º tópico – Avaliação – proposto pelos autores refere-se ao modo como um indivíduo ou uma comunidade de fala²⁵ avaliam sua língua e as demais variedades com as quais mantêm contato. Um falante pode avaliar uma língua como bonita ou feia, sonora ou não. As nossas crenças e atitudes exercem um importante papel em nosso enquadramento social. São oportunas as palavras de William e Wallace Lambert:

As atitudes desempenham uma função essencial na determinação do nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com os quais nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 83).

Mas, quais conseqüências as atitudes positivas ou negativas podem incutir na língua? Dentre os efeitos que uma valoração pode transpor para a língua, podemos citar: o fenô-

²⁵ Adotamos para este trabalho o conceito de comunidade de fala proposto por Moreno Fernández: “Conjunto de falantes que compartilham pelo menos uma variedade lingüística, algumas regras de uso, algumas interpretações desse uso, algumas atitudes e algumas mesmas valorações das formas lingüísticas” (1998, p. 347).

meno da hipercorreção, as influências na eleição de uma língua em comunidades multilíngues, o auxílio no ensino de línguas e na descrição de aspectos da variação e mudança linguística.

A hipercorreção é um fenômeno atrelado ao desprestígio que um falante atribui ao seu próprio falar. Ao perceber que há um modo *correto* de falar, busca adquiri-lo e manifestá-lo tanto na escrita quanto na oralidade. Como exemplo, podemos citar os nomes *teia* (de aranha) e *meia* (peça do vestuário), que, frequentemente encontramos em atlas linguísticos registrados como *telha de aranha* e *melha*, uma hipercorreção baseada na analogia com as palavras que apresentam a iotização de palatais, como em folha > foia; galho > gaio; mulher > muié, formas altamente estigmatizadas.

Já a eleição de uma língua, terreno arenoso dentro dos estudos linguísticos, decorre muitas vezes das crenças e atitudes dos falantes. Há no mundo cerca de 5.000 línguas distribuídas por 191 países, o que forneceria o equivalente a quase 30 idiomas para cada um. Essa realidade heterogênea apresenta situações econômicas e sociais muito complicadas do ponto de vista linguístico, pois é necessário desenvolver, por parte dos governantes, políticas que elejam determinada língua como oficial e ações para a manutenção dos idiomas minoritários²⁶. A eleição de uma língua é decorrente de crenças e atitudes positivas em relação a essa variedade, ou seja, a língua eleita será, normalmente, a de maior *status* dentro da comunidade.

Por outro lado, crenças e atitudes negativas podem levar ao abandono de uma língua e, conseqüentemente, ao seu desaparecimento. Sobre o possível desaparecimento de uma língua em decorrência de crenças e atitudes negativas a ela relacionadas, são oportunas as palavras de Moreno Fernández:

²⁶ A título de ilustração, podemos citar o caso da cidade-estado Cingapura, localizada na Ásia. Há na localidade quatro línguas oficiais: inglês, mandarim, tâmil e malaio. O malaio é a língua nacional e o inglês é usado como língua comercial dado o considerável crescimento dessa ilha-estado nos últimos anos. As crenças e atitudes são de suma importância tanto no caso de Cingapura como em sociedades menores, pois levam o falante a eleger determinada língua em detrimento de outra. A eleição de uma língua é decorrente de crenças e atitudes positivas em relação a essa variedade, ou seja, a língua eleita será, normalmente, a de maior *status* dentro de uma comunidade.

A manutenção encontra-se favorecida por fatores e realidades sociais de bem diversificada classe, que se podem agrupar em torno de três conceitos: status, demografia e apoio das instituições; quanto melhor seja o status de uma língua, quanto mais falantes ela tenha e quanto maior seja o apoio institucional recebido, mais possibilidades haverá de que ela se mantenha. No momento em que uma comunidade começa a eleger uma língua em âmbitos ou domínios em que tradicionalmente se tem utilizado outra, começa o deslocamento e a substituição de uma língua está em curso. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 250, tradução nossa)²⁷.

No tocante ao ensino/aprendizagem de língua estrangeira (L2), o campo das crenças e atitudes tem-se mostrado significativamente fértil, pois o êxito no ensino e na aprendizagem está diretamente ligado a fatores sociais relacionados à L2. Podemos citar o caso do inglês como língua estrangeira no Brasil, que, desde a década de 50, é ensinado em contexto escolar público brasileiro. Tal fato é justificado por ser o inglês considerado uma língua hegemônica, símbolo do poder, da tecnologia e do comércio, um tipo de *língua franca* utilizada em todo o mundo, dada a importância dos Estados Unidos na economia mundial. É normal que um aluno que tenha crenças positivas em relação aos Estados Unidos apresente melhor aproveitamento em seus estudos sobre essa língua. Se, ao contrário, um aluno vê os norte-americanos como símbolo de opressão, é justificável que esse aprendiz tenha menor rendimento em relação à aprendizagem de L2.

É nesse aspecto que o estudo das crenças e atitudes tem auxiliado pesquisadores em Linguística Aplicada a traçar metodologias mais eficazes para o ensino de língua estrangeira:

²⁷ No original: "El mantenimiento se ve favorecido por factores y realidades sociales de muy diversa clase, que se pueden agrupar en torno a tres conceptos: estatus, demografía y apoyo de las instituciones; cuanto mejor sea el estatus de una lengua, cuantos más hablantes tenga y cuanto mayor sea el apoyo institucional recibido, más posibilidades habrá de que se mantenga. En el momento en que una comunidad comienza a elegir una lengua en ámbitos o dominios en los que tradicionalmente se ha utilizado otra, comienza el desplazamiento y la sustitución de la lengua está en curso" (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 250).

O sucesso deste modo de trabalho está nos benefícios que se obtêm para valorar o funcionamento de um modelo educativo e suas probabilidades de êxito: as conclusões que proporcionam as análises permitem retocar os planos de estudo dos centros educativos, os conteúdos das disciplinas, o tempo dedicado ao ensino de cada língua e as técnicas pedagógicas empregadas na aula, entre outros aspectos” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 324, tradução nossa)²⁸.

Outro fator a ser destacado em relação às consequências das crenças e atitudes dentro da língua é o próprio fenômeno da variação e mudança linguística, uma vez que “as atitudes são poderosos fatores de evolução” (CALVET, 2002, p. 87), e atitudes positivas podem fazer uma mudança linguística cumprir-se mais rapidamente. Nessa linha de raciocínio, é sempre oportuno lembrar o conhecido estudo laboviano na ilha de Martha’s Vineyard, no litoral de Massachusetts (EUA), sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ nas diversas faixas etárias, grupos profissionais e étnicos (LABOV, 2008, p. 19). A pequena ilha, com menos de 6.000 habitantes em épocas de baixa temporada, apresentava características de um inglês arcaico, principalmente pelo alto índice de centralização dos ditongos /ay/ e /aw. Labov constatou que a manutenção do ditongo era uma forma inconsciente de os nativos manterem sua variedade linguística e, assim, demarcarem sua identidade cultural e isolarem-se, linguisticamente, por meio do seu dialeto, dos 40.000 veranistas que a ilha recebia ao longo do ano.

Labov demonstrou que os ilhéus manifestavam três tipos de atitudes: “*positivas* – exprimindo sentimentos definitivamente positivos acerca de Martha’s Vineyard; *neutras* – não expressando sentimentos positivos nem negativos [...] e *negativos* – indicando o desejo de viver em outro lugar” (2008, p. 59). Ao

²⁸ No original: “El éxito de este modo de trabajo está en los beneficios que se obtienen para valorar el funcionamiento de un modelo educativo y sus probabilidades de éxito: las conclusiones que proporcionan los análisis permiten retocar los planes de estudio de los centros educativos, los contenidos de las asignaturas, el tiempo dedicado a la enseñanza de cada lengua y las técnicas pedagógicas empleadas en el aula, entre otros aspectos” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 324).

final, Labov conclui que existe uma lacuna na lógica da explicação e indaga: “De que modo as pressões sociais e as atitudes sociais incidem sobre as estruturas linguísticas?” (LABOV, 2008, p. 60).

As pressões sociais a que se refere Labov também podem ser traduzidas pela noção de prestígio e de desprestígio que pode ser atribuída a uma língua.

Outra pesquisa de Labov corrobora tais noções: influenciado pela teoria de que as pressões sociais atuam diretamente sobre a linguagem, Labov iniciou seu estudo sobre os róticos em Nova York, selecionando três lojas de departamentos de acordo com o *status* social de cada uma. Sua metodologia foi simples: perguntava a um vendedor onde ficavam os sapatos femininos e obtinha a resposta: “fourth floor” (quarto andar) (LABOV, 2008, p. 70).

O resultado da análise revelou que há estratificação social por meio do uso da língua nas lojas. O magazine que era tido como mais elitizado apresentou uma linguagem mais prestigiada; a loja intermediária revelou possuir uma linguagem média, menos formalizada que o primeiro magazine; e a loja mais popular revelou um /R/ estigmatizado entre seus vendedores e clientes.

Pelo exposto, o terreno das crenças e atitudes tem muito a contribuir nas mais variadas esferas dos estudos da linguagem, tanto dentro de uma linguística aplicada ao ensino de L2, quanto para a descrição de uma teoria da variação e mudança, se levarmos em consideração que não há neutralidade quando o objeto de estudo é a língua em uso.

4 CRENÇAS E ATITUDES NA CIDADE DE PRANCHITA²⁹

Localizada no extremo sudoeste paranaense, a cidade de Pranchita conta com aproximadamente 6.000 habitantes dis-

²⁹ Os dados aqui apresentados fazem parte da dissertação intitulada “Crenças e Atitudes Linguísticas em Pranchita: um estudo da relação do português com línguas de contato”, de autoria de Greize Alves da Silva-Poreli e orientada por Vanderci de Andrade Aguilera.

tribuídos pelas áreas rural e urbana. Sua fundação é datada do início do século, mais precisamente em 1902, em decorrência do cultivo da erva-mate explorada por paraguaios e vendida a argentinos. O nome da cidade é uma adaptação fonética de Panchita, nome de uma das filhas do maior comprador da erva; sua emancipação política ocorreu em 1981.

Fazendo fronteira seca com a Argentina, Pranchita contou com a participação de diversas etnias em sua fundação e desenvolvimento, a saber: espanhóis, alemães, poloneses e italianos, trazendo, assim, características peculiares em sua composição étnica e linguística.

Com o objetivo de verificar as crenças e atitudes dos pranchitenses em relação à sua fala e à de outros grupos linguísticos com os quais convivem, foram realizadas pesquisas *in loco* junto a 18 informantes naturais da localidade ou moradores em Pranchita há, pelo menos, 15 anos, e estratificados por faixa etária, sexo/gênero e escolaridade. Em relação à origem étnica dos informantes, a seleção foi aleatória³⁰, tendo-se aplicado um questionário estruturado com 48 questões. Para este artigo, porém, selecionamos três questões que podem dar pistas sobre as crenças e atitudes dos pranchitenses em relação aos grupos de outras etnias com os quais convivem:

Questão nº 11 - *Comparando essas línguas: argentina, paraguaia, italiana e alemã, quem fala melhor? Por quê?*

Questão nº 12 - *E quem fala pior?*

Questão nº 39 - *Você namoraria ou se casaria com um(a) argentino(a), paraguaio(a), alemão(a), italiano(a) ou polonês(a)? Por quê?*

³⁰ A pesquisa ocorreu apenas na zona urbana de Pranchita. Núcleos rurais, como colônias polonesas, não foram inquiridas.

O Quadro I permite visualizar o perfil dos informantes que foram selecionados em Franchita.

Quadro I: Perfil dos informantes³¹

Nº dos informantes	SEXO	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE
1	Homem	18-30	Fundamental
2	Mulher	18-30	Fundamental
3	Homem	31-50	Fundamental
4	Mulher	31-50	Fundamental
5	Homem	51-70	Fundamental
6	Mulher	51-70	Fundamental
7	Homem	18-30	Médio
8	Mulher	18-30	Médio
9	Homem	31-50	Médio
10	Mulher	31-50	Médio
11	Homem	51-70	Médio
12	Mulher	51-70	Médio
13	Homem	18-30	Superior
14	Mulher	18-30	Superior
15	Homem	31-50	Superior
16	Mulher	31-50	Superior
17	Homem	51-70	Superior
18	Mulher	51-70	Superior

Fonte: Banco de dados do Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato

Como demonstra o Quadro 1, foram selecionados 17 informantes de acordo com a idade e o nível escolar e para cada faixa etária foram inquiridos dois informantes de ambos os sexos. Também foram levados em consideração três níveis de escolaridade: ensino fundamental (de 1ª a 8ª série), ensino médio e superior.

³¹ Em decorrência de problemas com o equipamento utilizado na coleta, a gravação correspondente ao informante 9 ficou inutilizada

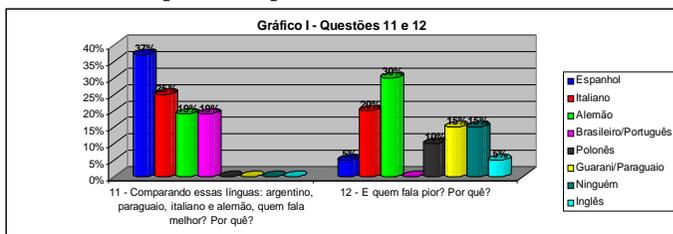
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A primeira análise versa sobre as questões 11 – *Comparando essas línguas: argentino, paraguaio, italiano e alemão, quem fala melhor? Por quê?* e 12 – *E quem fala pior?*

Essas perguntas têm por objetivo apresentar indícios de possíveis crenças e atitudes dentre as várias línguas presentes em Pranchita.

O gráfico I, *Crenças linguísticas dos pranchitenses: quem fala melhor e quem fala pior*, apresenta os seguintes dados:

Figura I – Crenças linguísticas dos pranchitenses sobre quem fala melhor e quem fala pior na localidade.



Fonte: Banco de dados do Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato

A primeira apreciação versa sobre a questão 11, cuja finalidade é identificar as crenças dos informantes frente ao falar do outro. Pelas respostas obtidas, verifica-se que ora a avaliação sobre falar melhor está associada ao nível de compreensão, ora à sonoridade da língua estrangeira, ora à fidelidade a uma norma culta, ou ao falar ‘correto’ dessa língua. No primeiro caso, o espanhol, para 37% dos informantes, sendo também uma língua românica, apresenta menos dificuldades, assim como o italiano, com 25%. No segundo caso, podemos interpretar que a inclusão do alemão, a mais citada como a pior (30%), refere-se à dificuldade de compreender uma língua não românica, mas com uma sonoridade e ‘correção’ agradáveis, (19%). A inclusão do português/brasileiro (19%), como língua materna, também faz parte do entendimento de ser a mais com-

preensível ou a mais sonora e, por questão de lealdade linguística, ninguém a considera a pior.

Essa análise está apoiada nos depoimentos dos informantes, sobre o espanhol:

- (a) “Eu acho que é mais fácil de falar, né? É mais parecido com o português (002/1)³²”
 (b) “É mais fácil da gente entender porque ele é mais assim... ele veio mais uma, uma árvore do italiano (002/1).”
 (c) “Eu acho bonito a língua deles, de repente porque a gente... eu digo assim, eu sou parente dos argentinos, então a gente tem uma afinidade com eles (002/17)”.

Também podemos destacar o fator identitário dos moradores de Franchita em relação ao espanhol da Argentina. Conforme os próprios informantes, a cidade foi fundada por Dom Lucca³³, o maior comprador de erva-mate da região, que deu o nome da sua filha Panchita à nova cidade. Dessa forma, as crenças e atitudes em relação ao espanhol são positivas, demonstrando a identificação dos seus moradores com o argentino e sua língua.

Outro fator que corrobora com as crenças positivas, em relação à língua espanhola, diz respeito ao intercâmbio comercial dos franchitenses com os argentinos. Aqueles relatam que existe a tradição de os brasileiros irem à Argentina para fazer compras, como se pode verificar nos depoimentos seguintes:

- (d) “A gente mora meio perto da Argentina, o pessoal daqui vai muito pa Argentina fazê compras (002/4)”
 (e) “A amizade começou de a gente indo lá fazer compras, né, porque a gente compra quando a época tá boa de com-

³² O Projeto *Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*, do qual derivou a dissertação (SILVA-PORELI, 2010), que serviu de base para este artigo, desenvolveu-se em seis localidades do Sudoeste e Oeste paranaenses, assim numerados: 001 - Santo Antônio do Sudoeste, 002 - Franchita, 003-Capanema, 004 - Foz do Iguaçu, 005 - Marechal Cândido Rondon e 006 - Guaíra.

³³ Os informantes citam Dom Lucca como argentino, porém, Wachowicz (1985) e Krüger (2004) relatam que ele era paraguaio.

pras lá a gente compra lá. Então há uma amizade de chamar os nomes da gente, conversar, de trocar informações do país, desde futebol até agricultura, né. (002/16)”

(f) “[...] mas eu aprendi assim conversando, ir lá comprar cerveja, ir lá comprar farinha e passeando sozinho. Sabe que tá muito bom de comprar cerveja lá, né? 1,70 o litro (002/17)”.

(g) “Os argentino porque eles vêm pra cá bastante (002/12)”;

Não só as relações comerciais com a Argentina, mas a própria língua, sua velocidade, sua sonoridade, é agradável aos pranchitenses:

(h) “Mas se você assistir criança da Argentina fala o espanhol, você senta do lado, e você vê, pra vê a velocidade da conversa, os timbre de voz, como é que é o, parece que eles têm mais gíngua pra falar. (002/17)”.

A segunda referência sobre quem fala melhor, o italiano, com 4 respostas (25%), pode estar relacionada ao reconhecimento da própria identidade devido à formação étnica dos moradores do local, em que a presença de descendentes italianos é bastante significativa, conforme declaram os informantes:

(i) “Pra gente entendê é o italiano, acho porque a gente conviveu muito com eles, né? (002/4)”

(j) “Num sei se é por causa da cultura, é mais reto (002/10)”

(k) “Talvez seja um pouco por causa da nossa cultura, né, assim, mas eu acho que é uma fala bonita, eu gosto do jeito que eles falam, da pronúncia, né (002/14)”.

Em terceiro lugar, temos a língua portuguesa/brasileira e a língua alemã, ambas com 3 ocorrências cada (19%). Os informantes que registraram a resposta língua portuguesa ou brasileira relatam que a língua materna está associada à facilidade de entendimento entre seus falantes, assim explicitado pelo informante de baixa escolaridade:

(l) “É melhor assim pra gente conversá (002/6)”.

A preferência pelo alemão, citado por 3 informantes como quem fala melhor na localidade, segundo os informantes, está atrelada à crença de que a composição frasal do idioma é mais objetiva em comparação ao português:

(m) “[...] e essa pronúncia deles define, por exemplo, uma frase deles é mais objetiva do que a nossa (002/13)”.

O prestígio atribuído às línguas incluídas no Questionário é, muitas vezes, reforçado pelos superlativos formados pelo advérbio *mais*: *mais fácil*, *mais reto*, *mais objetiva*, *mais bonita* ou o sintético *melhor*.

Sobre a questão 12 - *Quem fala pior? Por quê?*, foram coletadas 20 respostas distribuídas entre as etnias: alemã (30%); italiana (20%); nenhum (15%); paraguaia/guarani (15%); polonesa (10%); inglesa (5%) e espanhola (5%).

Os mais citados como detentores do pior falar são os alemães, devido à dificuldade de compreensão e à sonoridade desagradável:

(n) “Ah, pra mim o alemão é mais difícil de entender (002/5)”.

(o) “Eu acho que o alemão, ele é uma língua de pronúncia difícil, né, e não soa bem no ouvido da gente (002/7)”.

Em segundo lugar, vem a língua italiana, com 20% de citações negativas. Esse resultado parece contraditório quando comparado com as respostas da questão 11, em que 25% citaram a italiana como a melhor língua em Pranchita. A aparente discrepância é elucidada pelo fato de os pranchitenses associarem com a variedade dialetal da língua italiana trazida pelos imigrantes. Segundo os informantes, o italiano falado em Pranchita não é o legítimo, pois se trata de um dialeto:

(p) “Eu acho que os italianos falam errado no sentido assim de... por causa que eles falam o dialeto (002/18)”.

(q) “[...] falam mais errado porque tem várias, várias linhas do italiano (002/16)”

Em terceiro lugar, na avaliação negativa das línguas faladas na localidade, com 15% destacamos o paraguaio/guarani, escolha justificada pela dificuldade de entendimento linguístico:

- (r) *“É mais difícil de entender o guarani (002/11)”*.
 (s) *“Eles falam coisas e eu não entendo nada que eles dizem (002/02)”*.

Com duas ocorrências (10%), o polonês é o pior falar, também justificado pela dificuldade de entendimento, assim como o alemão:

- (t) *“Por? O polonês. O polaco, mais difícil, é difícil entender mesmo o que eles conversam” (002/6)*.

Alguns informantes entenderam a questão ‘de falar pior’ a língua estrangeira que mais oferece dificuldade no aprendizado, e citaram o inglês e o espanhol (apenas um informante em cada um).

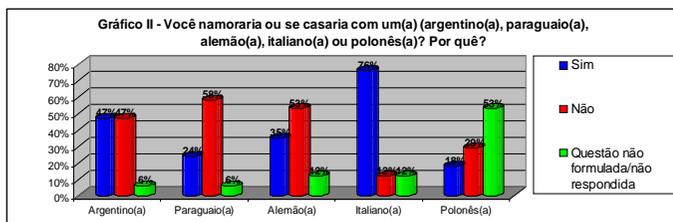
Concluindo a análise dessas questões, verificamos que apenas 15% têm consciência da legitimidade da diversidade linguística, ao relatarem que ninguém fala errado em Pranchita.

Com o intuito de retificar ou ratificar as crenças e atitudes manifestadas em questões baseadas nos componentes cognoscitivo e afetivo perante as etnias presentes em Pranchita, propusemos questões em que se sobressai o componente conativo, isto é, as que se referem às escolhas que o indivíduo faz em relação às diferentes situações em que se encontra. Para a análise, selecionamos as respostas dadas à pergunta 39 - *Você namoraria ou se casaria com um(a) argentino(a), paraguaio(a), alemão(ã), italiano(a) ou polonês(a)*³⁴? Por quê?

O gráfico II mostra a aceitação e a rejeição dos pranchitenses diante da opção de relacionamento amoroso interétnico.

³⁴ Ressaltamos o alto índice de não formulação da questão, relacionada ao polonês, que não sabem a que atribuir.

Figura II – Atitudes linguísticas dos pranchitenses perante a questão de relacionamento amoroso interétnico.



Fonte: Banco de dados do Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato.

Quando se trata de namoro ou casamento com argentino(a), há uma convergência de opiniões: 47% o aceitam e a mesma porcentagem o rejeita. Os motivos para o não casamento são fornecidos pelas mulheres:

- (u) “É, por causa do idioma também, tudo... e a fama deles namorador (risos).” (002/4);
- (v) “Porque, ah sei lá, o tipo deles de vivê é muito diferente do nosso.” (002/8).

O informante masculino (002/11) consegue estabelecer, de forma jocosa, as condições para o casamento com uma argentina. Na sequência, pondera, de forma racional, sobre o que realmente importa em uma relação amorosa:

INF- Se ela torcesse pela seleção brasileira, sim (risos) Ela tinha que dizer que o Pelé é melhor que o Maradona e tinha que torcer pela seleção. É eu acho que hoje você, a nacionalidade, você... qualquer pessoa para você casar com a pessoa, pra você ter um, relacionamento para a vida toda independe do idioma que ela fala e sim depende de uma série de fatores e fatos que vai saber que você vai conviver..., depende dos princípios daquela pessoa depende de uma série de... (002/11)

O casamento com paraguaio(a) foi o mais rejeitado, com 58% seguido da rejeição de casamento com alemão(ã), com 53% embora os informantes não explicitassem os motivos para essa rejeição.

Os italianos obtiveram o menor índice de respostas negativas, 12% e, conseqüentemente, a maior aprovação, 76% dos informantes, que justificaram a resposta, sobretudo com a questão da descendência, uma vez que possuem um contato mais estreito com esse grupo:

- (w) “Dexando fora os brasileiro... Ah, eu fico com o italiano que daí meus pais eram, já conheço melhor (risos)” (002/4);
(x) “Porque o italiano é, ele é sempre foi assim, eu acho eles muito sincero, eles são teimoso, mas são sincero” (002/12).

Embora a questão, citando o casamento com polonês(esa), não tenha sido formulada a 53% dos informantes, essa etnia foi rejeitada por 29% dos informantes inquiridos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das respostas às questões selecionadas deixa claro que:

(i) Em primeiro lugar, há uma atitude positiva dos pranchitenses em relação à língua e aos descendentes italianos quando inquiridos sobre questões que envolvem os componentes afetivo e cognoscitivo (quem fala melhor, quem fala pior) e sobre a questão em que se sobressai o componente conativo (namorar ou casar com descendentes de italianos). Essas crenças positivas podem estar atreladas à maior expressividade numérica de italianos em Pranchita.

(ii) Por outro lado, verificam-se crenças e atitudes negativas relacionadas à língua, relatada como a pior e a mais feia, e ao povo germânico, sob a justificativa de terem “dificuldades” para interagir com os alemães, uma vez que são “reservados” e a língua é de difícil compreensão.

(iii) Ao contrário das expectativas iniciais, fundamentadas nas conclusões de Amâncio (2007) sobre o imaginário nacional de rejeição dos brasileiros em relação aos argentinos, sobretudo em temas como o futebol, essa aversão não foi expressa pelos informantes pranchitenses. A aceitação da língua e do povo argentino ficou avalizada na resposta dos informantes, muitos dos quais admitem como positivo o relacionamento amoroso, seja para namoro ou para casamento com argentino(a). São bastante frequentes os casamentos interétnicos entre brasileiro(a) e argentino(a), conforme citaram os informantes, fator importante para atenuar crenças negativas, se existentes, e bloquear o surgimento delas, dado que a relação de parentesco faz com que as duas nacionalidades busquem uma convivência mais harmoniosa.

(iv) As boas relações entre Pranchita e San Antonio são decorrentes da colonização das cidades, em cujo processo o argentino participou ativamente. Outro fator a ser destacado refere-se ao comércio realizado entre as duas localidades: os pranchitenses vão aos mercados argentinos; os argentinos, por sua vez, utilizam os sistemas escolar e de saúde brasileiros.

REFERÊNCIAS

- AMÂNCIO, R. G. *As cidades trigêmeas: um estudo sobre atitudes linguístico-social e identidade*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Campinas: UNICAMP, 2007. 102 f. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em <<http://cutter.unicamp.br/document/list.php?tid=30>>. Acesso em 01 out. 2010.
- BALDAQUÍ ESCANDELL, J. M. *Els programes educatius bilingües a la comarca de l' Alantí. Estudi sociolinguístic*. València: Universitat d'Alacant, 2000. 1665 f. Tesi (Doctorat) - Facultat de Filosofia i Lletres, Departament de Filologia Catalana, Universitat d'Alacant, València, 2000. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/els-programes-educatius-bilingues-a-la-comarca-de-lalacanti-estudi-sociolinguistic-0/pdf/>>. Acesso em 26 jan. 2011.

- BLANCO CANALES, A. *Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares*. Alcalá de Henares - Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.
- CALVET, L.-J. *Sociolingüística* uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2007.
- GÓMEZ MOLINA, J. R. Actitudes lingüísticas en una comunidad bilingüe y multidialectal: area metropolitana de Valencia. Anejo n.º XXVIII dela Revista *Cuadernos de Filología* Valencia, Universitat de Valencia, 1998.
- KRÜGER, N. *Sudoste do Paraná* História de Bravura, Trabalho e Fé. Curitiba: Positivo, 2004.
- LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. [Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso]. São Paulo: Parábola, 2008.
- LAMBERT, W. E. A social psychology of bilingualism. *Journal of Social Issues*, n. 23, p. 91-109, 1967.
- _____; LAMBERT, W. W. *Psicologia Social*. [Trad. Álvaro Cabral]. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
- LÓPEZ MORALES, H. *Sociolingüística* 2. ed. Madrid: Gredos, 1993, p. 231-257.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. *Princípios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje* Barcelona: Ariel, 1998.
- SILVA-PORELI, G. A. *Crenças e Atitudes Lingüísticas na cidade de Pranchita-PR: um estudo da relação do português com línguas em contato*. Londrina: UEL, 2010. 114 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, 2010.
- WACHOWICZ, R. C. *Paraná Sudoeste: ocupação e colonização*. Curitiba: Lítero Técnica, 1985.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística* [Trad. Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].